



VIOLÊNCIA

Operação trágica expõe falhas da PM

Em mais um dia de terror para a população do Rio de Janeiro, três pessoas morrem na troca de tiros entre polícia e traficantes na Avenida Brasil. Eduardo Paes cobra comando do governador Cláudio Castro

» EDUARDA ESPOSITO
» JULIANA SOUSA*

Os moradores do Rio de Janeiro vivem em sobressalto. Desde a semana passada, episódios de violência deixaram como saldo inocentes mortos, moradores em pânico, depredação de patrimônio e uma cidade perplexa com a atuação de sua polícia. Ontem, um intenso tiroteio entre policiais militares e criminosos provocou a morte de três pessoas e ferimentos em outras duas, que nada tinham a ver com a operação deflagrada para combater uma quadrilha de roubo de cargas e veículos na Zona Norte da cidade.

A Avenida Brasil, principal via de entrada e saída da capital, ficou bloqueada durante a troca de tiros. Nas redes sociais, vídeos e fotos registraram o desespero das pessoas — muitas abandonaram carros e ônibus à procura de abrigo nas muretas de proteção da via. Ninguém conseguiu entender porque uma operação desse porte foi feita no início da manhã, na principal via da cidade e em um horário de pico, quando as pessoas estavam saindo de casa para ir ao trabalho e à escola.

O governador Cláudio Castro (PL), em resposta aos jornalistas, disse que a reação dos bandidos foi um ato de “terrorismo”. “A polícia sabia o que estava fazendo. Infelizmente, tivemos uma reação por parte do tráfico muito desproporcional. O que a gente viu foi um ato de terrorismo”, disse o governador.

Na tentativa de impedir a chegada da PM em pontos estratégicos, criminosos atearam fogo em carros e montaram barricadas nos acessos às comunidades próximas. Segundo a porta-voz da Polícia Militar, Cláudia Moraes, “as tropas enfrentaram forte resistência dos criminosos e dificuldade de avanço no terreno por causa das valas que eles cavaram”.

O prefeito do Rio, Eduardo Paes (PSD), não economizou nas críticas ao que chamou de “falta de comando” do governador e da Secretaria de Segurança do estado. “Essa loucura que está acontecendo na Avenida Brasil, principal via da cidade, fechando trem, BRT, carros parados, as pessoas atrás de muretas, essa vergonha que mostra o total descontrole de vocês na segurança”,



José Lucena/AE

Sem saída: no meio do fogo cruzado, passageiros de um ônibus tiveram que buscar proteção na mureta divisória da Avenida Brasil, que foi interditada

afirmou ele, em vídeo postado nas redes sociais.

“Então, secretário (estadual de Segurança, Victor César Santos), você vai ser cobrado pelo prefeito da cidade, a gente vai mostrar o tempo todo porque essa cidade não aguenta mais essa irresponsabilidade. A cidade, do jeito que está entregue à criminalidade, sem que a gente veja uma política pública de segurança pública, sem que a gente tenha clareza do que vocês estão fazendo, nós vamos continuar cobrando”, disse. Paes afirmou que as críticas não são à Polícia Militar ou à Civil, e sim, à “falta de comando”.

Uma estudante de 24 anos, que não quis se identificar, disse ao **Correio** que preferiu não ir à aula, ontem, porque o ônibus que ela costuma pegar passa pela Avenida Brasil. “É medo de ir para o curso e não conseguir voltar para casa, ou acontecer o pior comigo na rua”, lamentou.

Na Assembleia Legislativa, os deputados Rodrigo Bacellar (União) e Luiz Paulo Corrêa da Rocha (PSD) cobraram



Essa loucura que está acontecendo na principal via da cidade, fechando trem, as pessoas atrás de muretas, essa vergonha mostra o total descontrole de vocês na segurança”

Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro

ações imediatas dos governos estadual e federal para dar fim à rotina de medo e violência dos cariocas. “Passou da hora de a gente conversar com o governador Cláudio Castro, de chamar o presidente da República, o ministro da Justiça, o chefe da Polícia Federal, o Supremo,



A polícia sabia o que estava fazendo. Infelizmente, tivemos uma reação por parte do tráfico muito desproporcional. O que a gente viu foi um ato de terrorismo”

Cláudio Castro, governador do estado do Rio

deputados, os governadores de estado, e buscar uma solução nacional que comece pelo Rio de Janeiro”, afirmou Bacellar.

Corrêa, por sua vez, disse que nunca viu a PM “fazer uma ação sem o devido conhecimento do que eles irão enfrentar do outro lado”.

Erros de planejamento

O Rio de Janeiro tem virado manchete no Brasil devido aos episódios violentos que a cidade protagoniza ao longo deste ano. Operações policiais que terminam em tiroteio nas comunidades, sequestros de ônibus, desaparecimento de pessoas e até brigas envolvendo torcidas de futebol só fizeram crescer a sensação de insegurança que domina o morador da cidade. Só na Zona Oeste, houve dois sequestros de ônibus neste mês. Na mesma região, torcedores do time uruguaio Peñarol provocaram quebra-quebra na orla, o que gerou nova discussão entre a Secretaria de Segurança do estado e a prefeitura.

O secretário de Segurança, Victor César Santos, afirmou, após o tumulto, que a decisão do desembarque dos torcedores no Recreio partiu da prefeitura, que negou a informação com veemência. Horas depois, o secretário estadual de Segurança admitiu “ter havido erro de planejamento”.

CASO MARIELLE

“Ela era importante para mim”, diz delegado

» CAMILA CURADO

Ex-chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro, o delegado Rivaldo Barbosa foi interrogado, ontem, pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista dela, Anderson Gomes. No depoimento, que durou cerca de 4 horas, Rivaldo disse que é “uma loucura” o acusarem de ser o mentor intelectual do assassinato e que as associações que fazem entre ele e as milícias é uma forma de colocá-lo “entre o suposto mandante e o Ronnie Lessa”, réu confesso do assassinato e delator na investigação.

“A Marielle era uma pessoa importante pra mim. Eu só tenho a agradecer a ela. Aquilo (o assassinato) mexeu comigo”, declarou.

Sobre as ligações de Rivaldo com os irmãos Domingos e Chiquinho Brazão, apontados como mandantes do crime, o ex-policial quis se desvencilhar da associação com as milícias que atuam na Zona Oeste da cidade. Uma das provas que sustentam a acusação é a de que Rivaldo Barbosa frequentava o mesmo dentista que atendia milicianos da região. A indicação do dentista foi feita pela delegada Patrícia Aguiar, casada com Anselmo Paiva, ex-marido da atual mulher de Domingos Brazão.

Rivaldo negou ter relação com os irmãos Brazão e com a milícia. Disse que foi ao dentista para fazer um tratamento, mas que não frequentava o consultório, tendo ido uma vez em 2015 e outra em 2017. “à época, eu não atuava mais em inquirições. Eu era o diretor da Divisão de Homicídios”. Ele também contestou as alegações do ex-capitão do Bop Rodrigo Pimentel de que Rivaldo teria encontrado no dentista o capitão Adriano de Nóbrega — ex-PM que se bandeou para a milícia e foi morto em uma operação na Bahia, em 2020.

Sobre Pimentel, acusado de fazer parte de um esquema montado para propagar notícias falsas sobre a morte da vereadora Marielle, Rivaldo admitiu que tem “uma aproximação com ele”, mas não é “amigo dele”. Rivaldo também foi questionado sobre sua relação com o delegado da Polícia Federal Lorenzo Pompilho da Hora, acusado apresentar testemunha falsa no caso Marielle, além de crimes de corrupção dentro da corporação. “Eu conhecia o Lorenzo, mas de cumprimentar. Não posso dizer se ele tinha uma conduta duvidosa”.

Rivaldo Barbosa, Domingos Brazão e Chiquinho Brazão foram presos em 24 de março de 2024 por suspeita de envolvimento na morte de Marielle. Ele é acusado pela PGR (Procuradoria-Geral da República) de ter auxiliado no planejamento do homicídio da vereadora.

Tomaz Silva/Agência Brasil



Ao STF, Rivaldo Barbosa negou envolvimento no caso

PF apura como atirador manteve licença de CAC

» IAGO MAC CORD*

A Polícia Federal (PF) solicitou ao Conselho Regional de Psicologia uma investigação a respeito do laudo psicológico de Edson Fernando Crippa, atirador de Novo Hamburgo (RS) que matou quatro pessoas e feriu outras 12 na quarta-feira. O atirador foi morto pela Brigada Militar gaúcha após mais de nove horas de cerco.

O pedido da PF vem após o delegado da Polícia Civil Fernando Sodré confirmar que Crippa e o pai dele tinham histórico de esquizofrenia — Edson já havia sido internado pelo menos quatro vezes, segundo o secretário de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, Sandro Caron.

A investigação será administrativa, com o objetivo de apurar como o psicólogo vinculado à instituição aprovou o manejo de armas de fogo por alguém com uma doença mental crônica. Crippa conseguiu o registro de CAC (colecionador, atirador desportivo e caçador) em 2007, enquanto sua última internação por surto de esquizofrenia se deu em 2008, segundo a Polícia Civil.

Edson mantinha em casa duas pistolas, um rifle, uma espingarda e mais de 300 munições. Agentes da PF acreditam que Edson pode ter dissimulado os sintomas da doença ou estar sob efeito de remédios controlados no momento da avaliação psicológica para obter a licença

de CAC. Se for responsabilizado, o psicólogo pode perder o credenciamento.

Ontem, a brigada confirmou a morte do segundo policial militar alvejado por Edson, o soldado Rodrigo Weber Volz, 31 anos. Além dele, o soldado Everton Ranieri Kirsch Júnior, também com 31 anos, havia sido morto no local do crime, junto com o pai e o irmão do atirador. Cinco pessoas ainda estão internadas, três estão em estado grave — a mãe de Edson, Cleiris; a cunhada Priscilla Martins (cunhada); e o policial militar João Paulo Farias.

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, atribuiu o crime de Novo

Hamburgo à “proliferação de armas” pelo país. Para evitar que casos como esse voltem a se repetir, ele anunciou que a pasta vai tornar o processo de liberação de licenças para CACs mais rigoroso. O objetivo é estabelecer uma triagem rigorosa para a obtenção de novos registros a partir de janeiro de 2025.

O “pente-fino” ficará a cargo da Polícia Federal, que assumirá a fiscalização dos caçadores, atiradores e colecionadores. Atualmente, a fiscalização está a cargo do Exército Brasileiro (EB).

A transição da responsabilidade de fiscalização entre o Exército e a PF tem ocorrido gradualmente ao longo deste ano, cumprindo o Acordo de Cooperação

Técnica firmado em setembro de 2023. O acordo estabelece um cronograma para transferência de competências, com previsão de ser finalizado até o fim de dezembro deste ano.

O diretor do Departamento de Homicídios do RS, Mário Souza, em entrevista à CNN Brasil, explicou que, no momento, os investigadores não estão trabalhando com a ideia de que Edson Crippa tenha tido algum tipo de surto. “O que nós tivemos foi um homem, um criminoso, que resolveu tentar matar policiais e matou, inclusive, seus familiares”, afirmou.

Estagiários sob a supervisão de Vinicius Doria